

SEMANA

33

7

1

Dia

Lucas 13.6-9

A Parábola da Figueira Infrutífera

A parábola que acabamos de ler nos instiga a buscar um nível mais elevado, ela é desafiadora, provocante e nos leva a um estado de humilhação necessário para encontrarmos a verdadeira razão de nossa existência. O crente que ouve esta parábola e não sente tristeza e vergonha, enquanto a aplica ao estado de sua vida espiritual, só pode estar em uma infeliz condição espiritual.

Aprendemos inicialmente que do coração ao qual Deus outorga privilégios espirituais Ele espera retorno proporcional. Nosso Senhor nos ensina uma lição ao comparar a nação judaica de sua época a *“uma figueira plantada na (...) vinha”*. Esta era exatamente a situação de Israel no mundo. Eles haviam sido separados das outras nações pela lei e ordenanças de Moisés, bem como pela situação de sua própria terra. Havia recebido revelações que Deus não concedera a nenhum outro povo. Foram realizadas em favor deles coisas que nunca foram realizadas em favor do Egito, Nínive, Babilônia, Grécia ou Roma. Portanto, era correto e justo que produzissem fruto para o louvor de Deus. É razoável pensar que haveria em Israel mais fé, arrependimento, devoção e santidade do que entre os pagãos. Isso era o que Deus esperava. O dono da figueira veio procurar fruto.

No entanto, precisamos pensar além da nação judaica, se desejamos nos beneficiar plenamente do significado da parábola. Temos de refletir também sobre as igrejas evangélicas. Elas possuem luz, verdade, ensino e preceitos que nunca foram ouvidos pelos incrédulos. Quão grande é a responsabilidade dos crentes. Não é correto e justo que Deus espere que eles deem frutos? Temos de examinar nosso próprio coração. Vivemos em um país onde existem muitas bíblias e desfrutamos de liberdade para pregar o evangelho. Quão amplas são as vantagens que desfrutamos se comparadas às dos chineses e às dos hindus. Porém, jamais esqueçamos: Deus espera que produzamos frutos.

Somos ensinados por meio de verdades solenes e poucos assuntos são tão facilmente esquecidos pelos homens quanto à íntima conexão entre privilégios e responsabilidade. Estamos todos bastante dispostos a nos deleitarmos com nossa posição como crentes evangélicos e a demonstrar alguma compaixão pelos idólatras e incrédulos, no entanto, demoramos a recordar que somos responsáveis diante de Deus por tudo que desfrutamos e que, daquele a quem muito se confia, muito mais lhe será exigido. Sejamos sensíveis à verdade. Somos as pessoas mais favorecidas da terra. No verdadeiro sentido, somos *“uma figueira plantada na (...) vinha”*. Não esqueçamos que nosso grande Senhor espera *“frutos”*.

Em segundo, desta passagem aprendemos que é muitíssimo perigoso ser infrutífero diante de tantos privilégios espirituais. A maneira como nosso Senhor transmitiu essa lição é impressionante. Ele nos mostrou o dono da figueira estéril lamentando que ela não produzia qualquer fruto: *“Há três anos venho procurar fruto nesta figueira e não acho”*. Descreveu-o como alguém que ordenou a destruição da figueira, que ele via como algo que ocupava sem

utilidade o chão: *“Podes cortá-la; para quê está ela ainda ocupando inutilmente a terra?”*. Em seguida, Jesus apresentou o viticultor apelando em favor da figueira, para que esta fosse poupada um pouco mais: *“Senhor, deixa-a ainda este ano”*. E Jesus concluiu a parábola colocando as terríveis palavras nos lábios do viticultor: *“Se vier a dar fruto, bem está; se não, mandarás cortá-la”*.

Existe uma advertência clara nestes versículos para todas as igrejas que declaram pertencer a Cristo. Se os pastores de tais igrejas não estiverem pregando a sã doutrina e seus membros não estiverem vivendo vidas santas, todos estão em iminente perigo de serem destruídos. Deus os observa e registra todos os seus caminhos. Eles podem participar de abundantes cerimônias religiosas e podem cobrir-se com as folhas da formalidade, dos ministérios e das ordenanças. Porém, se estão destituídos do fruto do Espírito, são reputados como plantas que ocupam inutilmente o solo. A menos que se arrependam, serão cortados. Foi isto o que ocorreu à comunidade judaica quarenta anos após a ascensão de nosso Senhor. Isso também já aconteceu a outras igrejas. E, infelizmente, acontecerá a muitas até que o fim venha. O machado será posto à raiz de muitas igrejas infrutíferas. A sentença ainda ecoará: *“Podes cortá-la”*.

Temos ainda nesta passagem uma advertência mais evidente para todas as pessoas não convertidas. Em todas as igrejas existem muitas pessoas que ouvem o evangelho e estão penduradas à beira do abismo da perdição. Durante muitos anos, elas têm vivido na melhor parte da vinha de Deus, mas, apesar disso, não produzem qualquer fruto. Têm ouvido a fiel pregação do evangelho durante incontáveis domingos e, apesar disso, não o aceitaram, não tomaram sua cruz e não seguem a Cristo. Talvez não estejam cometendo pecados notórios, mas nada fazem para a glória de Deus. Não existe coisa alguma positiva em seu cristianismo. De todos eles o Senhor da vinha pode afirmar com certeza: *“Há (...) anos venho procurar fruto nesta figueira e não acho; podes cortá-la; para quê está ela (...) ocupando inutilmente a terra?”* Existem miríades de pessoas que professam ser crentes que se encontram nessa condição. Não fazem a menor ideia de quão perto se encontram da condenação eterna. Jamais nos esqueçamos que nos contentarmos em assistir os cultos e ouvir sermões, pois enquanto não produzimos frutos em nossas vidas é um comportamento muito ofensivo a Deus. Provoca-lhe a ordenar que sejamos cortados inesperadamente.

Por último, destes versículos aprendemos que temos um infinito débito para com a misericórdia de Deus e a intercessão de Cristo. Parece impossível extrair qualquer outra lição do sincero apelo do viticultor: *“Senhor, deixa-a ainda este ano”*. Com certeza, vemos como por espelho a benignidade de Deus e a mediação de Cristo.

A misericórdia tem sido chamada de o atributo favorito de Deus. Poder, pureza, justiça, santidade, sabedoria, imutabilidade, todos são atributos que constituem o caráter de Deus e de inúmeras maneiras têm sido manifestados no mundo, tanto nas obras quanto na Palavra de Deus. Mas se existe uma das perfeições divinas que Ele tem prazer em demonstrar ao homem, de maneira mais evidente do que qualquer outra, essa perfeição sem dúvida é sua misericórdia. Ele é um Deus que *“tem prazer na misericórdia”* (Miquéias 7.18).

A misericórdia baseada na mediação de um Salvador vindouro foi o motivo por que Adão e Eva não foram lançados no inferno no dia em que caíram no pecado. A misericórdia

tem sido a causa por que Deus tem suportado este mundo sobrecarregado de pecado e ainda não tem exercido o juízo. A misericórdia até agora é o motivo por que os pecadores não convertidos são poupados por tanto tempo e não destruídos em seus próprios pecados. Provavelmente não temos a menor ideia de quanto todos nós devemos à paciência de Deus. O último dia comprovará que toda a humanidade estava em débito para com a misericórdia de Deus e a mediação de Cristo. Mesmo aqueles que estão eternamente perdidos descobrirão, para sua vergonha, que por causa das misericórdias do Senhor eles não foram consumidos ainda em vida. E, no que se refere aos salvos, uma aliança de misericórdia será a sua total reivindicação no Dia do Juízo.

E qual é a nossa situação? Somos frutíferos ou infrutíferos? Acima de todas as outras coisas, esta é a pergunta que mais deve nos preocupar. O que Deus vê em nós ano após ano? Estejamos atentos para vivermos de tal modo que Ele veja fruto em nós.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

2

Dia

Depois de Dezoito Anos, Curada!

Lucas 13.10-17

Somos informados nesta passagem que veio a Jesus uma “mulher possesa de um espírito de enfermidade, havia já dezoito anos; andava ela encurvada, sem de modo algum poder endireitar-se”. Não sabemos quem era essa mulher, uma vez que nosso Senhor disse que era uma “filha de Abraão” e isto deve nos levar à conclusão de que essa mulher era uma verdadeira crente. Mas seu nome e história foram ocultados ao nosso conhecimento. Sabemos apenas isto: quando Jesus ensinava “no sábado numa das sinagogas”, essa mulher se encontrava ali. A enfermidade não era uma desculpa para impedi-la de vir à casa de Deus. Apesar de seu sofrimento e enfermidade, ela se dirigiu ao lugar onde o dia e a Palavra de Deus eram honrados e onde o povo de Deus se reunia. E realmente foi abençoada nessa realização. Encontrou recompensa abundante para as suas dores. Ela veio entristecida e voltou para casa regozijando-se.

A conduta dessa judia sofredora serve de exemplo a muitos que professam ser cristãos e desfrutam de boa saúde e vigor físico. Quantas pessoas que se encontram em pleno gozo de saúde física permitem que as mais frívolas desculpas as mantenham afastadas da Casa de Deus. Quantos estão constantemente gastando todo o domingo em ociosidade, em busca de prazeres e negócios, escarnecendo e zombando daqueles que “santificam” o dia do Senhor. Quantos imaginam que frequentar o culto público uma vez por semana, no domingo, é uma grande realização e consideram o vir em qualquer outra ocasião como um desnecessário excesso de zelo característico do fanatismo. Quantos acham cansativos os cultos de adoração, enquanto os assistem, e sentem-se aliviados quando estes acabam. Poucos realmente manifestam possuir o mesmo espírito de Davi, que disse: “Alegrei-me quando me disseram: Vamos à Casa do SENHOR” (Salmo 122.1) e “Quão amáveis são os teus tabernáculos, SENHOR dos Exércitos!” (Salmo 84.1).

Ora, que explicação podemos dar? Qual é a razão por que tão poucos são semelhantes à mulher sobre a qual lemos nesta passagem bíblica? A resposta, mais uma vez, é curta e simples. A maioria não tem o coração disposto para a adoração a Deus, não tem prazer na presença ou no dia do Senhor. “O pendor da carne é inimizado contra Deus” (Romanos 8.7). No momento em que uma pessoa se converte, as supostas dificuldades para prestar culto a Deus desaparecem. O novo coração não vê obstáculos em “santificar” o dia do Senhor. Onde há boa vontade, sempre existe uma solução.

Jamais nos esqueçamos de que nossos conceitos a respeito do dia do Senhor constituem um teste comprobatório do estado de nossa alma. O homem que não encontra satisfação em conceder a Deus um dia da semana evidentemente está despreparado para o céu. O próprio céu não é outra coisa senão um eterno dia do Senhor. Se não pudermos passar algumas horas na adoração a Deus, uma vez por semana, neste mundo, é evidente que não poderemos passar uma eternidade em sua adoração no mundo por vir. Felizes são aqueles que

andam nos passos dessa mulher. Acharão a Cristo e serão abençoados, enquanto vivem neste mundo; receberão a glória e se encontrarão com Ele, quando morrerem.

Também observamos nestes versículos o infinito poder de nosso Senhor Jesus Cristo. Quando nosso Senhor viu aquela mulher sofredora, *“chamou- a até Ele e disse-lhe: Mulher, estás livre da tua enfermidade”* e impôs-lhe as mãos. Esse toque das mãos de Cristo foi acompanhado por uma miraculosa virtude curadora. Instantaneamente, uma enfermidade que permanecia por dezoito anos se retirou diante do Senhor da vida – *“ela imediatamente se endireitou e dava glória a Deus”*.

Um milagre grandioso foi realizado com a intenção de fornecer esperança e conforto para almas que sofrem por causa do pecado. Nada é impossível para Cristo. Ele é capaz de amolecer os corações que parecem ser tão duros quanto pedras de moinho. Ele pode dobrar vontades obstinadas que durante *“dezoito anos”* têm se dedicado à satisfação pessoal, ao pecado e ao mundo. O Senhor Jesus pode capacitar pecadores que por muito tempo têm admirado as coisas terrenas a volverem seus olhos para o alto e contemplarem o reino de Deus. Nada é extremamente difícil para o Senhor. Ele pode criar, transformar, renovar, humilhar, edificar e vivificar com irresistível poder. Aquele que criou o mundo a partir do nada continua vivo e imutável.

Apropriemo-nos de tão preciosa verdade e não a deixemos escapar. Jamais nos desesperemos quanto à nossa salvação. Nossos pecados talvez sejam inumeráveis. Nossas vidas provavelmente tenham sido gastas, durante muitos anos, em coisas deste mundo e tolices. Nossa juventude talvez foi desperdiçada em excessos que arruinam a alma, dos quais nos sentimos tristemente envergonhados. Mas estamos dispostos a vir a Cristo e confiar-lhe nossa alma? Se estamos, então há esperança. Ele pode nos curar completamente e dizer: *“Estás livre da tua enfermidade”*. Não percamos a esperança quanto à salvação de outras pessoas, enquanto elas viverem. Apresentemos seus nomes ao Senhor, dia e noite, e lhe supliquemos em favor delas. Talvez tenhamos parentes cuja situação parece desesperadora por causa de sua impiedade. Mas isto não é verdade, pois não existem casos incuráveis para Cristo. Se Ele impuser suas mãos restauradoras sobre tais pessoas, elas ficarão curadas e glorificarão a Deus. Oremos e não desfaleçamos. A afirmação de Jó é digna de inteira confiança: *“Bem sei que tudo podes”* (Jó 42.2). Jesus é poderoso para salvar totalmente.

Por último, vemos nestes versículos a correta observância do dia do Senhor afirmada e defendida por nosso Senhor Jesus Cristo. O chefe da sinagoga em que se realizou a cura dessa mulher o acusou de ter quebrado o quarto mandamento. Com isso, ele trouxe sobre si mesmo uma repreensão severa, mas justa: *“Hipócritas, cada um de vós não desprende da manjedoura, no sábado, o seu boi ou o seu jumento, para levá-lo a beber?”*. Se era permitido satisfazer as necessidades dos animais no sábado, quanto mais isso se aplicaria aos seres humanos! Se a manifestação de bondade aos bois e aos jumentos não constituía uma quebra do quarto mandamento, tanto menos o constituiria a demonstração de bondade a uma filha de Abraão.

Novamente o princípio aqui estabelecido por nosso Senhor é o mesmo que encontramos em outras passagens dos evangelhos. Ele nos ensina que a ordem para *“não trabalhar”* no sábado não tinha o propósito de proibir obras necessárias e misericordiosas. O dia de descanso foi feito para o benefício do homem e não para prejudicá-lo. Foi designado

para promover os melhores e mais elevados interesses do homem e não para impedi-lo de fazer qualquer coisa que realmente contribui ao seu bem. Exige somente bom senso e sabedoria. Não proíbe nada que é verdadeiramente necessário ao conforto do homem.

Devemos orar para que tenhamos um entendimento correto do mandamento que se refere ao dia de descanso. De todos os mandamentos que Deus nos outorgou, nenhum outro é tão essencial à felicidade do homem e nenhum outro é, com frequência, tão mal compreendido, abusado e desprezado. Estabeleçamos para nós duas regras básicas quanto à observância do dia de descanso e jamais nos apartemos delas: primeira, façamos apenas aquilo que é absolutamente necessário. Segunda, santifiquemos esse dia e o dediquemos ao Senhor. A experiência nos mostra que existe uma conexão íntima entre a santificação do domingo e a saúde de nossa vida espiritual.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

3

Dia

A Parábola do Grão de Mostarda e do Fermento

Lucas 13.18-21

As duas parábolas contidas nestes versículos foram proferidas por nosso Senhor em duas ocasiões e em dois períodos distintos de seu ministério. Um fato que deveria nos fazer tributar mais diligente atenção às lições que as parábolas transmitem. Descobriremos que suas lições são ricas em verdades proféticas e experimentais.

A parábola do grão de mostarda tem o objetivo de mostrar o progresso do evangelho no mundo. O início do evangelho foi muitíssimo insignificante. Foi semelhante a *“um grão de mostarda que um homem plantou na sua horta”*. O cristianismo em seu início era uma religião que parecia tão frágil, desamparada e sem poder, que não sobreviveria. Seu fundador era alguém pobre neste mundo e terminou sua vida morrendo como mal feitor em uma cruz. Seus primeiros seguidores eram um pequeno grupo cujo número provavelmente não passava de mil, quando nosso Senhor deixou o mundo. Seus primeiros pregadores eram pescadores e publicanos que, em sua maioria, eram incultos. Seu ponto de partida foi um lugar desprezível chamado Judéia, uma província tributária do vasto império romano. Sua principal doutrina fora eminentemente idealizada para despertar a inimizade natural do coração humano. Cristo crucificado era uma pedra de tropeço para os judeus e tolice para os gentios. As primeiras movimentações do cristianismo trouxeram para seus seguidores perseguição de todos os lados. Fariseus e saduceus, judeus e gentios, idólatras que não conheciam a Deus e filósofos presunçosos - todos concordaram em odiar e se oporem ao cristianismo. Era uma seita contra a qual se falava em todos os lugares. Não são afirmações vazias e, sim, são fatos históricos que ninguém pode negar. Se já houve uma religião que em seu princípio era semelhante a um grão de mostarda, essa religião foi o cristianismo.

Mas o progresso do evangelho, à semelhança da semente plantada na terra, foi grande, estável e contínuo. O grão de mostarda *“cresceu e fez-se árvore”*. Apesar da perseguição, oposição e violência, o cristianismo se propagou gradualmente e cresceu. Ano após ano, seus seguidores se tornaram numerosos. Ano após ano, a idolatria decrescia diante do cristianismo. Cidade após cidade, país após país recebiam a nova fé. Igreja após igreja era estabelecida em quase todos os lugares da terra. Pregador após pregador surgia e missionário após missionário se levantava para ocupar o lugar daqueles que morriam. Os imperadores romanos e os filósofos pagãos, às vezes por meio da força, às vezes por meio de argumentos, tentaram em vão obstruir o progresso do cristianismo. Também poderiam ter procurado impedir que a maré fluísse ou que o sol não surgisse no horizonte. Em poucos séculos, a religião do Nazareno desprezado, a religião que havia começado em um cenáculo de Jerusalém, espalhou-se por todo o mundo civilizado. Era confessada por quase toda a Europa, uma parte da Ásia e todo o norte da África. As palavras proféticas da parábola se cumpriram literalmente. O grão de mostarda *“cresceu e fez-se árvore; e as aves do céu aninharam-se nos seus ramos”*. O Senhor Jesus disse que assim aconteceria, e assim aconteceu.

É uma parábola que nos ensina a nunca desesperar de qualquer obra para Cristo, ainda que seu início tenha sido insignificante e frágil. Um pregador que está sozinho em alguma parte negligenciada da cidade, um missionário que trabalha entre muitos selvagens, um ministro do evangelho que se esforça para melhorar uma igreja corrupta e impura, todos (e cada um deles) à primeira vista podem parecer completamente incapazes de fazer algum bem. Aos olhos de muitos, a obra pode aparentar ser muito grande e o instrumento para realizá-la bastante desproporcional à obra. Nunca alimentemos tais pensamentos. Recordemos essa parábola e tenhamos coragem. Quando o dever torna-se claro, não devemos levar em conta os números e consultar a carne e o sangue. Devemos crer que um homem que tem a semente da verdade de Deus ao seu lado, tal como Lutero ou Knox, pode transtornar uma nação. Se Deus estiver com ele, ninguém será contra ele. Apesar do esforço de homens e de demônios, a semente que ele está plantando crescerá e se tornará uma grande árvore.

A parábola do fermento tem o objetivo de nos mostrar o progresso do evangelho no coração de um crente. A atividade inicial da obra da graça divina em um pecador geralmente é insignificante. É semelhante a misturar o fermento em uma massa de farinha. Uma simples sentença de um sermão ou apenas um versículo das Escrituras, uma repreensão proveniente de um amigo ou uma casual advertência sobre coisas espirituais, um folheto entregue por um estranho ou um insignificante ato de bondade recebido da parte de um crente - fatos semelhantes com frequência são o ponto de partida na vida de uma alma. As primeiras manifestações da vida espiritual habitualmente são pequenas em extremo, tão pequenas que, por algum tempo, são conhecidas somente por aquele que as possui, mas, assim mesmo, não as entende completamente. Alguns pensamentos sérios, que comovem a consciência, um desejo de orar de maneira genuína e não formal, uma determinação para começar a ler a Bíblia em particular, um gradual interesse pelos meios da graça, um crescente interesse pelos assuntos espirituais, um ódio crescente pelos hábitos maus e companhias ímpias - esses, ou alguns desses, são os primeiros sintomas de que a graça divina começou a agir no coração de uma pessoa. São sintomas que o mundo incrédulo não percebe, que os crentes pouco instruídos podem desprezar e sobre os quais mesmo os crentes mais velhos podem se enganar. No entanto, são os primeiros passos na poderosa atividade da conversão e constituem o "*fermento*" da graça operando no coração de uma pessoa.

Uma vez que a obra da graça iniciou-se em um coração, ela jamais permanecerá quieta. Crescerá gradualmente, "*até ficar tudo levedado*". À semelhança do fermento colocado na massa, a obra da graça não pode ser separada daquilo com o que ela foi misturada. Pouco a pouco, ela influenciará a consciência, as afeições, a mente e a vontade, até que todo o homem seja afetado pelo seu poder e ocorra uma completa conversão a Deus. Sem dúvida, em alguns casos o progresso é mais rápido do que em outros e o resultado é mais claramente observado e decidido do que em outros. Mas em qualquer coração que se inicia a verdadeira obra do Espírito Santo, todo o caráter da pessoa mais cedo ou mais tarde é "*levedado*" e transformado. Suas predileções são alteradas e todas as disposições de sua mente tornam-se diferentes. "*E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas*" (2 Coríntios 5.17). O Senhor Jesus disse que seria assim e a experiência comprova que assim tem sido.

Aprendamos da parábola a jamais desprezar “*o dia dos humildes começos*” (Zacarias 4.10). A alma precisa engatinhar, antes que possa andar; e andar, antes que seja capaz de correr. Se vemos qualquer dos sintomas da graça começando a se manifestar em algum irmão, embora o sintoma seja fraco, agradeçamos a Deus e tenhamos esperança. O fermento da graça tendo sido colocado naquele coração ainda fermentará toda a massa. Aquele que começou a boa obra a completará até ao Dia de Cristo Jesus (Filipenses 1.6).

Perguntemos a nós mesmos se existe algo da obra da graça em nosso coração. Estamos descansando satisfeitos com alguns desejos e convicções vazios? Ou conhecemos por experiência própria a graça que gradualmente cresce, propaga-se, aumenta e fermenta-se em nosso íntimo? Nada menos do que isso deve nos contentar. A verdadeira obra do Espírito Santo nunca permanecerá quieta, mas fermentará toda a massa.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

4

Dia

O Dever de Esforçar-se para Entrar no Reino de Deus

Lucas 13.22-30

Encontramos aqui uma pergunta notável. Certo homem disse a Jesus: *“Senhor, são poucos os que são salvos?”*. Não sabemos quem era este homem. Poderia ser um judeu cheio de justiça própria, ensinado a crer que não havia esperança fora da circuncisão e que existia salvação apenas para os filhos de Abraão. Poderia ter sido um ocioso zombador das coisas espirituais, que estava sempre desperdiçando seu tempo em assuntos curiosos e especulativos. Em qualquer desses casos, todos nós podemos concordar que ele fez uma pergunta de importância extraordinária.

Aquele que deseja saber a quantidade de pessoas salvas na dispensação presente precisa apenas ler as Escrituras e sua curiosidade será satisfeita. Encontrará no Sermão do Monte essas palavras solenes: *“Porque estreita é a porta e apertado o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela”* (Mateus 7.14). Terá apenas de olhar ao seu redor e comparar com as Escrituras os caminhos que muitos seguem. Assim, logo concluirá que se for sincero em seu coração, que os salvos são poucos. Essa é uma conclusão terrível. Nossa alma naturalmente rejeita essa ideia. No entanto, a Bíblia e os fatos se combinam para silenciar essa rejeição. A salvação completa é oferecida aos homens. Da parte de Deus, tudo está pronto. Cristo está disposto a receber os pecadores, mas estes não estão dispostos a vir a Cristo. Por isso, os salvos são poucos.

Encontramos também uma exortação admirável. Ao ser perguntado se poucos seriam salvos, nosso Senhor respondeu: *“Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, pois eu vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão”*. Ele dirigiu essas palavras a todos os seus ouvintes. Ele achou melhor não satisfazer a curiosidade daquele que o questionou, oferecendo-lhe uma resposta direta. Preferiu antes incutir em sua mente e na dos outros ouvintes o seu dever imediato. Ao pensarem sobre a situação de suas próprias almas, obteriam a resposta. Ao esforçarem-se por entrar pela porta estreita, logo perceberiam se os salvos eram muitos ou poucos.

Não importa o que os outros fazem a respeito de sua vida espiritual, o Senhor deseja que conheçamos com clareza o nosso dever. A porta é estreita. A obra é grandiosa. Os inimigos de nossa alma são muitos. Temos de nos levantar e entrar. Não devemos esperar por ninguém. Não temos de perguntar o que os outros estão fazendo ou se muitos de nossos vizinhos, amigos e parentes estão servindo a Cristo. A incredulidade e a indecisão de outros não serão desculpas no último dia. Não devemos seguir a multidão para praticar o mal. Se formos para o céu sozinhos, precisamos determinar que é pela graça de Deus que iremos. Se tivermos muitos ou poucos junto conosco, a exortação para nós é clara: *“Esforçai-vos por entrar”*.

Não importa o que os outros pensem a respeito de sua vida espiritual, Cristo deseja que saibamos que somos responsáveis diante de sua exortação. Não devemos permanecer parados, continuando no pecado e vivendo de acordo com o mundo, esperando pela graça de

Deus. Não devemos prosseguir tranquilamente em nossa impiedade, escondendo-nos atrás da inútil desculpa de que não podemos fazer nada, até que sejamos atraídos por Deus. Temos de nos aproximar dele por meio da utilização dos meios da graça. Como podemos fazê-lo é uma indagação com a qual não devemos nos inquietar. Em nossa obediência, os nós serão desatados. A ordem é clara e inconfundível: *“Esforçai-vos por entrar”*.

Nosso Senhor fala por meio desta passagem sobre um tempo quando *“o dono da casa”* se levantará, fechará a porta e alguns já terão entrado no reino de Deus, enquanto outros ficarão *“do lado de fora”* para sempre. No que se refere ao significado dessas palavras, não pode haver dúvidas. Descrevem a segunda vinda de Cristo e o Dia do Juízo. Virá o dia em que acabará a paciência de Deus para com os pecadores.

A porta da misericórdia, que por tanto tempo se encontra aberta, finalmente será fechada. A fonte aberta para a purificação de todo o pecado e impureza será fechada. O trono da graça será removido e, em seu lugar, será estabelecido o trono de juízo. O maior julgamento do mundo terá início. Todos os impenitentes e incrédulos serão banidos para sempre da presença de Deus. Os homens descobrirão que existe uma coisa chamada *“a ira do Cordeiro”* (Apocalipse 6.16).

Virá o dia em que os crentes em Cristo receberão seu completo galardão. O Senhor da grande casa nos céus reunirá seus servos e dará a cada um deles a imarcescível coroa de glória. Eles se assentarão ao lado de Abraão, Isaque e Jacó e descansarão para sempre de suas lutas e labores. Serão fechados, no lado de dentro, com Cristo, os anjos e todos os outros crentes no reino dos céus; o pecado, a morte, a tristeza, o mundo e o diabo ficarão eternamente do lado de fora. Os homens por fim verão: *“O que semeia justiça terá recompensa verdadeira”* (Provérbios 11.18).

Por último, vemos nestes versículos uma profecia perscrutadora. Nosso Senhor nos contou que no dia de sua segunda vinda, *“muitos procurarão entrar”* pela porta estreita *“e não poderão”*. Eles baterão, *“dizendo: Senhor, abre-nos a porta”*, mas não serão admitidos. Com sinceridade, apelarão: *“Comíamos e bebíamos na tua presença e ensinavas em nossas ruas”*. Mas seu apelo será inútil. Ouvirão a resposta solene: *“Não sei donde vós sois; apartai-vos de mim, vós todos os que praticais iniquidades”*. Professar o cristianismo e ter um conhecimento formal de Cristo não salvará a ninguém que tem servido ao mundo e ao pecado.

Existe algo peculiarmente admirável na linguagem de nosso Senhor nessa profecia. Revela-nos o terrível fato de que os homens poderão ver o que é correto quando for demasiadamente tardio para que sejam salvos. Haverá um tempo em que, tarde demais, muitos se arrependerão e crerão, sentirão pesar, farão súplicas, se preocuparão com sua salvação e desejarão entrar no céu. Muitos acordarão no mundo por vir e se convencerão de verdades nas quais recusaram crer. A terra é o único lugar da criação de Deus onde existe todo tipo de infidelidade; o inferno é tão-somente o lugar onde a verdade é reconhecida tarde demais.

Passagens como esta deveriam nos incentivar a estabelecer um valor verdadeiro acerca das coisas que nos rodeiam. Dinheiro, posição, prazeres e grandeza são as coisas que o mundo mais valoriza. Orar, crer, viver com santidade e familiarizar-se com Cristo são atitudes

desprezadas, ridicularizadas e consideradas de pouco valor. Mas um dia acontecerá uma grande mudança! As últimas coisas se tornarão as primeiras e as primeiras se tornarão as últimas. Estejamos preparados para essa mudança.

Perguntemos a nós mesmos: estamos entre aqueles que são muitos ou entre os que são poucos? Sabemos alguma coisa a respeito de lutar e guerrear contra o pecado, o mundo e o diabo? Estamos prontos para vinda do Senhor, quando Ele fechará a porta? A pessoa que pode responder satisfatoriamente estas perguntas é um verdadeiro cristão.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

5

Dia

O Tempo de Nossas Vidas nas Mãos de Deus

Lucas 13.31-35

Deus tem controle sobre nossas circunstâncias. Nosso Senhor nos ensinou essa verdade ao responder à solicitação de que partisse dali, porque Herodes desejava matá-lo. Ele disse: *“Hoje e amanhã, expulso demônios e curo enfermos”*. Não havia chegado ainda o tempo para Ele deixar o mundo. Sua obra ainda não estava concluída. Até que chegasse o momento específico, Herodes não teria poder para fazer-lhe qualquer mal. Até que a obra estivesse terminada, nenhuma arma forjada contra Ele prosperaria.

Existe algo nas palavras de nosso Senhor que exige a atenção de todos os verdadeiros crentes. Elas demonstram uma atitude de espírito que abençoa todos os que a imitam. Sem dúvida, nosso Senhor estava falando com uma perspectiva profética sobre coisas que aconteceriam. Ele conhecia a hora de sua própria morte e sabia que esse tempo ainda não havia chegado. É lógico que um conhecimento prévio como esse não é concedido aos crentes em nossa época. No entanto, existe algo que não devemos esquecer. Em certa medida, ter a mente de Cristo deve ser nosso alvo. Temos de almejar possuir um espírito de calma e inabalável confiança no que se refere às coisas por vir. Devemos cultivar meios de possuir um coração que *“não se atemoriza de más notícias”* e que com tranquilidade e firmeza confia no Senhor (Salmo 112.7).

Este é um assunto delicado, tão importante à nossa felicidade, que demanda consideração. Jamais tenhamos a intenção de ser fatalistas, como os muçulmanos, ou insensíveis, como os estoicos. Não podemos negligenciar o uso dos meios ou omitir todas as prudentes provisões para o futuro desconhecido. Negligenciar os meios equivale a fanatismo e não à fé bíblica. Mas, após termos feito tudo, devemos lembrar que, embora tenhamos de cumprir nossas obrigações, os acontecimentos pertencem a Deus. Portanto, devemos nos esforçar para deixar nas mãos de Deus as coisas futuras e não ficarmos excessivamente ansiosos a respeito de nossa saúde, família, dinheiro e planos. Cultivar essa mentalidade aumentará intensamente nossa paz. Muitas de nossas preocupações e temores se referem a coisas que nunca chegam a acontecer. Feliz é aquele que anda nos passos de Jesus e pode afirmar: *“Receberei o que é bom para mim. Viverei no mundo até que minha obra esteja completamente realizada, e nenhum momento além. Serei levado somente quando estiver amadurecido para a vida na eternidade, nem um minuto antes. Todos os poderes do mundo não podem me tirar a vida, até que Deus o permita. Os melhores médicos da terra não poderão preservá-la, quando Ele me chamar para o céu”*.

Os crentes possuem uma aliança eterna, em tudo bem definida e segura (2 Samuel 23.5). Todos os cabelos da cabeça deles estão contados (Mateus 10.30). Seus passos são firmados pelo Senhor (Salmo 37.23). Todas as coisas cooperam para o bem deles (Romanos 8.28). Quando são disciplinados, isso ocorre para o seu bem (Hebreus 12.10). Quando estão doentes, é por causa de algum propósito sábio (João 11.4). As Escrituras afirmam que eles possuem tudo - a vida, a morte, as coisas presentes e as futuras (1 Coríntios 3.22). Não existe

sorte, acaso, chance ou acidente na vida de um crente. Há somente uma coisa que pode deixar o crente quieto, calmo, inabalável e tranquilo - a fé em exercício ativo. Precisamos orar diariamente por esse tipo de fé. Poucos realmente a conhecem. A fé exercida por muitos crentes é bastante espasmódica e caprichosa. Por falta de uma fé consistente e firme, poucos crentes podem dizer, assim como Cristo: *“Andarei hoje e amanhã e não morrerei enquanto minha obra não estiver realizada”*.

Também aprendamos destes versículos quão grande é a compaixão de nosso Senhor Jesus Cristo para com os pecadores. O fato é ressaltado de maneira intensa na linguagem de nosso Senhor a respeito de Jerusalém. Ele conhecia bem a maldade daquela cidade, os crimes que ali haviam sido cometidos em tempos passados e o que lhe aconteceria por ocasião de sua crucificação. Ainda assim, falou a Jerusalém nestes termos: *“Quantas vezes quis eu reunir teus filhos como a galinha ajunta os do seu próprio ninho debaixo das asas, e vós não o quisestes”*.

Entristece o Senhor Jesus ver os pecadores prosseguirem em sua impiedade. Estas são as suas palavras: *“Tão certo como eu vivo (...) não tenho prazer na morte do perverso”* (Ezequiel 33.11). Todos os não convertidos devem recordar: ofender os pais, amigos, vizinhos e líderes religiosos pouco significa; existe Alguém mais elevado a quem eles entristecem profundamente por meio de sua conduta. Eles ofendem diariamente a Cristo.

O Senhor Jesus está disposto a salvar os pecadores. Ele não quer que alguém *“pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento”* e *“deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade”* (2 Pedro 3.9; 1 Timóteo 2.4). Este é um poderoso ensino do evangelho, um ensino que deixa perplexos muitos teólogos inexperientes e superficiais. Mas o que dizem as Escrituras? As palavras de Jesus, nos versículos que acabamos de citar, são evidentes. *“Quantas vezes quis eu reunir teus filhos”*, disse Jesus, *“e vós não o quisestes”*. A vontade da pessoa incrédula que possui coração endurecido, e não a vontade de Cristo, é a causa por que pecadores estão perdidos para sempre. Cristo quer salvá-los, mas eles não querem ser salvos.

Eis aqui uma verdade que deve ser guardada no mais profundo de nosso coração e produzir frutos em nossa vida. Devemos entender claramente que, se morrermos em nossos pecados e formos lançados no inferno, nosso sangue recairá sobre nossa própria cabeça. Não podemos atribuir a culpa a Deus, o Pai, ou a Cristo, o Redentor, ou ao Espírito Santo, o Consolador. As promessas dos evangelhos são amplas e abrangentes. A disposição de Cristo para salvar os pecadores é assegurada de maneira inconfundível nas Escrituras. Se perdermos nossa alma, não poderemos culpar a ninguém, exceto a nós mesmos. As palavras de Cristo se tornarão nossa condenação: *“Não quereis vir a mim para terdes vida”* (João 5.40).

Estejamos atentos para que, ao ler passagens como esta, não sejamos mais sábios do que as Escrituras. É um erro grave ser mais sábio do que as coisas escritas na Bíblia. Nossa salvação depende exclusivamente de Deus: jamais esqueçamos. Somente os eleitos serão salvos, pois *“Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer”* (João 6.44). Porém, nossa perdição, se formos condenados, depende exclusivamente de nós mesmos. Ceifaremos o fruto de nossa própria escolha e descobriremos que perdemos nossa alma. Unida a essas duas verdades, existe outra que devemos sempre afirmar com convicção e dela nunca nos afastarmos. Há profundo mistério no assunto e nossa mente é imperfeita para

compreender tudo agora. No entanto, o entenderemos posteriormente. Um dia, a soberania de Deus e a responsabilidade do homem se manifestarão em perfeita harmonia. Enquanto isso, apesar de nossas dúvidas, jamais questionemos a infinita prontidão de Cristo para salvar os pecadores.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

6

Dia

Cristo Come Pão na Casa de um Fariseu

Lucas 14.1-6

Nosso Senhor aceitou a hospitalidade daqueles que não eram seus discípulos. Lemos que Jesus entrou “num sábado na casa de um dos principais fariseus para comer pão”. Não podemos imaginar que aquele fariseu era amigo de Cristo. Apenas fez o que era habitual à sua posição. Ele viu alguém ensinando coisas espirituais, alguém que era considerado um profeta, e o convidou para alimentar-se em sua casa. O fato que deve nos interessar é este: ao ser feito o convite, o Senhor Jesus o aceitou.

Encontramos nos vinte e quatro versículos deste texto o comportamento de Jesus à mesa na casa do fariseu. Nós o encontramos agindo da mesma maneira que agia sempre em todos os lugares, sempre tratando dos negócios de seu Pai. Primeiramente, nós o vemos defendendo a correta observância do dia de descanso; em seguida, explicando aos que com Ele ali estavam reunidos a natureza da verdadeira humildade; depois, incutindo na mente de seu anfitrião o caráter da hospitalidade autêntica e, por fim, transmitindo aquela mais conveniente e admirável parábola, a parábola da grande ceia. Ele fez tudo com muita sabedoria, calma e dignidade. Todas as suas palavras foram oportunas. Sua conversa era sempre “agradável, temperada com sal” (Colossenses 4.6). A perfeição do comportamento de nosso Senhor se manifestou nessa ocasião, assim como em todas as outras. Ele sempre dizia a coisa certa, na ocasião oportuna e da maneira correta. Nunca esquecia, por um momento sequer, quem Ele mesmo era e onde se encontrava.

O exemplo de Cristo nesta passagem merece profunda atenção de todos os crentes, em especial dos ministros do evangelho. Torna bem claros alguns assuntos difíceis, como nosso relacionamento com pessoas incrédulas, até que ponto podemos estender esse relacionamento, a maneira como devemos nos comportar quando estamos juntos com eles. Neste capítulo, nosso Senhor deixou um padrão para nossa conduta. Nossa sabedoria consistirá em nos esforçarmos para andar nos passos dele.

Não devemos nos esquivar completamente do relacionamento com pessoas não convertidas. Se fosse possível, agir assim seria covardia e negligência, pois nos privaria de muitas oportunidades para fazermos o bem. No entanto, devemos estar na companhia deles manifestando moderação, vigilância, em atitude de oração e com a firme resolução de realizar a obra e os interesses de nosso Senhor. O crente não deve esperar receber hospitalidade e tomar-se íntimo daqueles que deliberadamente recusam o Senhor. Até que ponto o crente deve estender seu relacionamento com os incrédulos é algo que cada um deve estabelecer por si mesmo. Alguns crentes podem ir mais avante do que outros, com alguma vantagem para aqueles com quem tais crentes convivem e sem prejuízo para si mesmos. “Cada um tem de Deus o seu próprio dom” (1 Coríntios 7.7). No que se refere ao assunto, há duas perguntas que devemos sempre fazer a nós mesmos: “Estando na companhia de pessoas incrédulas, gasto meu tempo em conversas insignificantes e mundanas? Ou me esforço para seguir, embora com fraqueza, o exemplo de Cristo?”. Se estamos na companhia de pessoas incrédulas e não

podemos responder estas perguntas de maneira satisfatória, faremos melhor em nos afastarmos de tais pessoas. Não sofreremos qualquer dano se estivermos com pessoas incrédulas, mas nos servindo da mesma atitude que Cristo demonstrou nessa ocasião.

Vemos nesta passagem o quanto nosso Senhor era observado por seus inimigos. Somos informados que, ao dirigir-se no sábado à casa do fariseu para comer pão, *“eis que o estavam observando”*. Essa circunstância é uma figura daquilo a que Jesus esteve sujeito durante seu ministério terreno. Os olhos de seus inimigos estavam constantemente observando-o. Aguardavam um tropeço da parte dele e esperavam com ansiedade por uma palavra ou atitude com a qual poderiam elaborar uma acusação. Mas não tiveram nenhuma. Nosso Senhor é sempre santo, sem malícia, dolo ou qualquer maldade. Realmente perfeita deve ter sido a vida em que a inimizade implacável não pôde encontrar qualquer falha, culpa, erro, imperfeição ou coisas desse tipo.

Aquele que deseja servir a Cristo deve estar disposto a ser observado, não menos do que o foi seu Senhor. Não pode esquecer que os olhos do mundo estão sobre ele e que seus caminhos estão sendo meticulosamente observados pelos ímpios. Em especial, precisa lembrar-se disso quando estiver na companhia de pessoas incrédulas. Se na ocasião cometer um deslize, em atos ou em palavras, e agir de maneira incoerente, pode estar certo de que isso não será esquecido.

Esforcemo-nos para viver cada dia como pessoas que andam sob os olhos de um Deus santo. Vivendo desse modo, pouco nos importará o quanto estamos sendo observados por um mundo intolerante e malicioso. Empenhamo-nos por ter uma consciência livre de culpa diante de Deus e dos homens, não fazendo coisa alguma que dê aos inimigos do Senhor ocasião de blasfêmia. Isto é possível. Pela graça de Deus, podemos fazê-lo. Os inimigos de Daniel foram obrigados a confessar: *“Nunca acharemos ocasião alguma para acusar a este Daniel, se não a procurarmos contra ele na lei do seu Deus”* (Daniel 6.5).

Por último, observemos nesta passagem como nosso Senhor assegurou a legitimidade de realizar obras de misericórdia no dia de descanso. O Senhor Jesus curou um homem hidrópico, no sábado, e, a seguir, perguntou aos fariseus: *“Qual de vós, se o filho ou o boi cair num poço, não o tirará logo, mesmo em dia de sábado?”*. Era uma verdade desagradável da qual os fariseus estavam conscientes e da qual não podiam esquivar-se. Está escrito: *“A isto nada puderam responder”*.

A qualificação que nosso Senhor vinculou às exigências do quarto mandamento está evidentemente fundamentada nas Escrituras, na razão e no bom senso. O dia de descanso foi estabelecido para o benefício e não para o prejuízo do homem; para vantagem e não para injúria do homem. A interpretação da lei de Deus em referência ao dia de descanso jamais teve o propósito de ser tão restrita, a ponto de impedir a realização de caridade e bondade, atendendo às reais necessidades das pessoas. Todas as interpretações que transmitem essa ideia anulam seu próprio objetivo. Exigem aquilo que o homem caído não pode cumprir e trazem descrédito a todo o quarto mandamento. Nosso Senhor percebeu isso com clareza e se empenhou, durante o seu ministério, para restaurar à sua correta posição essa parte preciosa da lei de Deus.

Consideremos sobre o princípio que nosso Senhor estabeleceu a respeito da observância do dia de descanso. O direito de fazer obras de misericórdia e necessidade tem sido abusado nestes últimos dias. Milhões de crentes parecem ter destruído o muro e ultrapassado os limites em referência ao dia sagrado. Parecem esquecer que, embora o Senhor tenha repetido frequentemente o quarto mandamento, Ele nunca o anulou da lei de Deus ou disse que todos os crentes não têm obrigação de guardá-lo.

Alguém pode dizer que passear no domingo, exceto por causa de raras emergências, é uma obra de misericórdia? Alguém poderá nos informar se negociar, celebrar festas, realizar excursões, fazer entregas no domingo são obras de misericórdia? Os empregados, os lojistas, os maquinistas, os balconistas e os entregadores não têm alma? Não precisam de descanso para seus corpos e tempo para alimentar suas almas, assim como as outras pessoas? Todas são perguntas sérias sobre as quais muitos devem pensar.

Não importa o que os outros façam, procuremos "*santificar*" o dia do Senhor. Deus tem uma contenda com os crentes no que se refere à profanação do domingo. É um clamor que tem subido até aos céus e um dia terá a sua vindicação. Purifiquemo-nos desse pecado e de maneira alguma nos envolvamos nele. Se os outros estão decididos a roubar a Deus e a apropriarem-se do dia dele, para realizarem seus propósitos egoístas, não sejamos participantes de seus pecados.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

7

Dia

Lucas 14.7-14

Jesus Recomenda a Humildade Nossos Verdadeiros Convidados

Existe um valor na humildade que devemos considerar. É uma lição que nosso Senhor ensinou de duas maneiras: primeira, Ele advertiu os convidados ao jantar a se assentarem no “*último lugar*”; segunda, ele fortaleceu a advertência declarando um grande princípio que frequentemente fluiu de seus lábios: “*Todo o que se exalta será humilhado; e o que se humilha será exaltado*”.

A humildade pode ser chamada de a rainha de todas as virtudes cristãs. Reconhecer nossa própria pecaminosidade e fraqueza e sentir necessidade de Cristo é o início do cristianismo que salva. A humildade é a virtude que tem sido a característica distintiva no caráter dos crentes mais piedosos em todas as épocas. Abraão, Moisés, Jó, Davi, Daniel e Paulo, todos eles foram eminentemente humildes. Acima de tudo, é uma virtude que está ao alcance de todo verdadeiro crente. Nem todos eles possuem dinheiro para socorrer os necessitados, tampouco desfrutaram de tempo e oportunidade para trabalharem abertamente em favor de Cristo. E nem todos possuem capacidade de falar bem, habilidade e conhecimento para fazerem o bem no mundo. Mas todo homem verdadeiramente convertido deve se esforçar para adornar com humildade a doutrina que professa. Se não se sentem capazes de fazer qualquer outra coisa, podem se empenhar para serem humildes.

Sabemos qual a raiz e a fonte da humildade? Apenas uma palavra a descreve. O conhecimento correto é a raiz e a fonte da humildade. O homem que conhece a si mesmo e ao seu próprio coração, conhece a Deus e sua majestade e santidade infinitas, conhece a Cristo e o preço que Ele pagou por nossa redenção - tal homem jamais será orgulhoso. Assim como Jacó, haverá de se considerar “*indigno de todas as misericórdias*” de Deus (Gênesis 32.10). À semelhança de Jó, dirá a respeito de si mesmo: “*Sou indigno*” (Jó 40.4). Clamará, assim como o apóstolo Paulo: “*Eu sou o principal dos pecadores*” (1 Timóteo 1.15). Não achará nada bom em si mesmo. Em humildade de espírito, julgará os outros melhores do que ele mesmo (Filipenses 2.3). Ignorância, nada menos do que ignorância - ignorância acerca de si mesmo, de Deus e de Cristo - é o verdadeiro segredo do orgulho. Devemos orar diariamente para sermos livres de tão miserável auto-ignorância. O homem sábio é aquele que conhece a si mesmo e, possuindo tal conhecimento, em seu íntimo não encontrará coisa alguma que o torne orgulhoso.

Nestes versículos também aprendemos sobre o dever de cuidar dos pobres. Nosso Senhor nos ensinou um dever utilizando um modo peculiar. Disse ao fariseu que o havia convidado para comer: “*Quando deres um jantar ou uma ceia, não convides os teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem vizinhos ricos (...) Antes, ao dares um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos*”.

O preceito contido aqui tem de ser interpretado com restrições consideráveis. É certo que nosso Senhor não tencionava nos proibir de manifestar hospitalidade aos nossos parentes e amigos. Com certeza, Ele não tinha o propósito de nos encorajar ao gasto inútil e abundante

de nosso dinheiro, dando-o aos pobres. Interpretar a passagem dessa forma a tornaria contrária a outras passagens claras das Escrituras. Interpretações como essas não podem estar corretas.

Mas, após ter dito isso, não podemos esquecer que esta passagem contém uma lição profunda e importante. Temos de ser cuidadosos em não limitar ou qualificar a lição, de modo que a reduzamos e a refinemos, a ponto de transformá-la em nada. A lição é clara e distinta: o Senhor Jesus deseja que nos preocupemos com nossos irmãos mais pobres e os ajudemos de acordo com nossas posses. Ele quer que saibamos que é um solene dever nunca negligenciar os pobres e, sim, ajudá-los e socorrê-los em tempos de necessidade.

É uma lição que deve aprofundar-se em nosso coração. *“Nunca deixará de haver pobres na terra”* (Deuteronômio 15.11). Um pouco de ajuda outorgada aos pobres, com critério e na ocasião oportuna, aumentará intensamente sua felicidade, aliviará suas inquietações e promoverá bons sentimentos entre as classes sociais. É a vontade de Cristo que todo seu povo que possua condições, seja espontâneo e disposto a oferecer ajuda aos pobres.

O espírito mesquinho e sagaz que leva muitos a falar sobre as *“necessidades”* de sua própria casa e a condenar toda bondade para com os pobres é excessivamente contrário à mente de Cristo. Não foi em vão que o Senhor Jesus declarou que dirá ao ímpio no Dia do Juízo: *“Tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber”* (Mateus 25.42). Não foi em vão que Paulo escreveu aos gálatas: *“Recomendando-nos somente que nos lembrássemos dos pobres, o que também me esforcei por fazer”* (Gálatas 2.10).

Aprender ainda destes versículos a grande importância de pensar antecipadamente sobre a ressurreição dos mortos. Temos uma lição que se destaca de maneira admirável na linguagem utilizada por nosso Senhor em referência ao assunto de demonstrar caridade aos pobres. Ele disse ao fariseu: *“Os pobres não têm com que recompensar-te; a tua recompensa, porém, tu a receberás na ressurreição dos justos”*.

Haverá uma ressurreição após a morte. Isto jamais deve ser esquecido. A vida que temos neste corpo não é tudo. O mundo visível que nos cerca não é o único com o qual temos de lidar. Tudo não está acabado quando o último suspiro é dado e homens e mulheres são levados à sua residência no sepulcro. Um dia a trombeta soará, e os mortos ressurgirão incorruptíveis. Todos os que se encontram no sepulcro ouvirão a voz de Cristo e sairão: aqueles que tiverem feito o bem ressurgirão para a ressurreição da vida, e os que tiverem feito o mal, para a ressurreição da condenação. Essa é uma das grandes verdades fundamentais do cristianismo. Apeguemo-nos com firmeza a essa verdade e dela jamais nos afastemos.

Esforcemo-nos para viver como homens que creem na ressurreição e na vida por vir, desejando sempre estar prontos para o mundo vindouro. Vivendo assim, haveremos de aguardar a morte com tranquilidade. Descobriremos que existe uma herança melhor para nós além do túmulo. Vivendo assim, aceitaremos com paciência tudo que temos de suportar neste mundo. Provações, perdas, desapontamentos e ingratidão pouco nos afetarão. Não esperaremos receber nossa recompensa nesse mundo. Confiaremos que tudo será retificado naquele dia e que o Juiz de toda a terra julgará corretamente (Gênesis 18.25).

O que nos capacita a aguardar um mundo vindouro sem ficarmos alarmados? Somente a fé em Cristo. Credo nele, não temos qualquer temor. Nossos pecados não se apresentarão contra nós. As exigências da lei de Deus terão sido completamente satisfeitas. Permaneceremos firmes naquele grande dia e nenhuma acusação será lançada contra nós (Romanos 8.33). Homens mundanos, como Félix (Atos 24.25), certamente podem tremer, quando pensam sobre a ressurreição. Mas os crentes, assim como o apóstolo Paulo, podem regozijar-se.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?